



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA  
BAHIA**  
**CENTRO DE CULTURA, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS  
APLICADAS**  
**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU***  
**ESPECIALIZAÇÃO EM CIDADANIA E AMBIENTES  
CULTURAIS**

**COMISSÃO EXAMINADORA DA DEFESA DO TRABALHO DE  
CONCLUSÃO DE CURSO DE LAISE SANTANA MIRANDA**

Prof. Dr. RUBENS DA CUNHA  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia -  
UFRB  
(Orientador)

Prof<sup>ª</sup>. Dra. WALESKA R. M. O. MARTINS  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia -  
UFRB

Prof<sup>ª</sup>. Dra. VIVIANE RAMOS DE FREITAS  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia -  
UFRB

Aprovado em 7 de dezembro de 2019.

**Santo Amaro- BA  
2019**

## “Quem esquece de onde veio não sabe para onde vai”: a resistência da poesia de Bráulio Bessa nos novos meios de comunicação<sup>1</sup>

Laise Santana Miranda<sup>2</sup>

**Resumo:** Esse artigo tem como objetivo apresentar a Literatura de Cordel como símbolo histórico de resistência, focando na experiência literária de Bráulio Bessa e no modo como ele a divulga. A escolha do tema deu-se por uma necessidade de discutir sobre a cultura popular e perceber as transformações que ocorreram a partir das mudanças nas formas com que o público recebe esse gênero. Para alcançar o objetivo, os procedimentos utilizados foram as pesquisas bibliográficas, leituras e análises de textos teóricos, históricos e literários. Assim, apresentamos um breve histórico da Literatura de Cordel desde a sua chegada em território brasileiro e apresentamos como esse gênero é capaz de transmitir saberes. Verificou-se também a importância de entender a cultura em sua pluralidade e é nessa perspectiva que a Cultura Popular é analisada, compreendendo que não existe uma única cultura e que não há uma cultura mais importante que outra. É nesse contexto que, aos 14 anos, o cearense Bráulio Bessa observou a oportunidade de começar a sua produção poética, vivenciando e valorizando o contexto a qual estava inserido. Em dias atuais, ele posiciona-se demonstrando as riquezas culturais e sociais da região nordestina. Seu trabalho leva o cordel para novos espaços, afirmando-o em plataformas como a televisão e redes sociais, legitimizando o conhecimento poético popular a toda sociedade. Desse modo, concluiu-se que há uma preocupação do poeta Bráulio Bessa como ativista nordestino em reorientar igualitariamente a poesia popular, adaptando-a na sociedade contemporânea, consequentemente tornando-a cada vez mais acessível a um novo público que pode ser caracterizado como espectador e/ou internauta.

**Palavras-chave:** Literatura de Cordel. Literatura de Resistência. Bráulio Bessa. Comunicação.

**Abstract:** This article aims to present Cordel's Literature as a historical symbol of resistance, focusing on Bráulio Bessa's literary experience and how he disseminates it. The choice of the theme was due to the need to discuss popular culture and to perceive the transformations that occurred from the changes in the way the public receives this genre. To achieve the goal, the procedures used were bibliographic research, readings and analysis of theoretical, historical and literary texts. Thus, we present a brief history of Cordel Literature since its arrival in Brazilian territory and present how this genre is capable of transmitting knowledge. It was also verified the importance of understanding the culture in its plurality and it is in this perspective that Popular Culture is analyzed, understanding that there is not a single culture and that there is not one culture more important than another. It is in this context that, at 14, Ceará Bráulio Bessa observed the opportunity to start his powder production, experiencing and valuing the context in which he was inserted. Nowadays, he stands by demonstrating the cultural and social riches of the northeastern region. His work takes the string to new spaces, affirming it on platforms

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado à disciplina Trabalho de Conclusão do Curso como requisito para a obtenção do grau de Especialista em Cidadania e Ambientes Culturais, outorgado pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), no semestre letivo de 2019.2, sob a orientação do Prof. Dr. Rubens da Cunha

<sup>2</sup> Pós-graduanda do curso de Cidadania e Ambientes Culturais. E-mail: laisemirandanovo@gmail.com

such as television and social networks, legitimizing popular poetic knowledge to the whole society. Thus, it is concluded that there is a concern of the poet Bráulio Bessa as a northeastern activist to equally reorient popular poetry, adapting it in contemporary society, consequently making it increasingly accessible to a new audience that can be characterized as a spectator and / or Internet user.

**Key-words:** Literature of twine. Resistance Literature. Bráulio Bessa. Communication.

## **Introdução**

Através do processo de migração e apesar dos preconceitos estabelecidos, os cordelistas foram grandes responsáveis por levarem a Literatura de Cordel, que se iniciou em solo nordestino, para as demais regiões brasileiras. No Brasil, esse gênero era estereotipado como uma poesia dedicada exclusivamente à parcela da população considerada de baixa classe social. E a poesia que se destinava às pessoas com o mais alto nível social era escrita pelos intelectuais pertencentes ao cânone. Com o passar do tempo, os temas abordados nos cordéis/folhetos falavam sobre os mais variados assuntos, como por exemplo política, preconceito e economia. Consequentemente, o cordel conquistou um maior e diversificado público, entre eles, os próprios intelectuais.

Com base na importância do estudo sobre a cultura popular, é que esse artigo objetiva demonstrar como a Literatura de Cordel superou os preconceitos e rotulações do passado, adaptou-se e vêm resistindo, em dias atuais, como verdadeira fonte de expressão artística, cultural e social. Tanto que, no ano de 2018, a Literatura de Cordel foi reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro, assim demonstrando a sua sobrevivência na sociedade contemporânea.

É nesse sentido que será analisada a produção literária do poeta Bráulio Bessa e o modo como o mesmo a dissemina. Nascido em Alto Santo, cidade situada no interior do Ceará, o nordestino Bráulio Bessa é considerado um ativista da cultura popular. A sua inquietação em apresentar a um maior público a poesia popular, levou o mesmo a adaptar esse gênero, que aparentemente é muito simples, às novas plataformas de comunicação. Conquistando novos espaços antes inimagináveis, demonstrando riquezas de informação e aceitação de um público anteriormente inatingível, que além de leitor, torna-se espectador e/ou internauta da literatura de cordel.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, se fez necessário o levantamento bibliográfico com o intuito de recolher informações e conhecimentos prévios sobre a determinada problemática, bem como, a leitura e análises de textos de cunho literário.

Além do poeta Bráulio Bessa, autores de renome como Márcia Abreu, Marco Haurélio, René Marc da Costa Silva, Alfredo Bosi, Regina Dalcastagné, entre outros, serão mencionados durante todo o estudo realizado.

## **1- Literatura de Cordel: a poesia sertaneja do Nordeste**

Estudiosos acreditam que a Literatura de Cordel tem a sua origem em berço ibérico. As narrativas contadas dentro desse gênero envolviam histórias de reis, imperatrizes e heróis. Segundo Márcia Abreu (1999, p. 54) “Os cordéis mais enviados para o Brasil narravam as histórias de ‘Carlos Magno’, ‘Bertoldo’, ‘Bertoldinho e Cacaseno’, ‘Belizário’, ‘Magalona’, ‘D. Pedro’, ‘Imperatriz Porcina’”.

Em solo nordestino, onde o processo colonizador foi iniciado, nota-se uma considerável aceitação desse gênero que, inicialmente, popularizou-se no nordeste através da denominação Literatura de Folhetos e foi disseminada através da oralidade. Com o tempo e interesse dos habitantes locais, foi adaptado às novas criações poéticas e que, mais tarde, chegaria a outras regiões brasileiras. Nessa perspectiva, Márcia Abreu afirma:

Não restaram registros dessa prática nos primeiros séculos da história do Brasil, mas alguma notícia sobre cantorias oitocentistas foram conservadas. São informações e trechos de poemas guardados na memória de antigos poetas entrevistados por folcloristas ou reconstituições feitas em folhetos recordando várias pelejas. Se não são registros inteiramente confiáveis, sujeitos aos deslizes da memória, carregam consigo uma marca fundamental: o caráter fortemente oral dessa produção, tanto no que tange à composição quanto a transmissão. (ABREU, 1999, p. 74)

Assim, torna-se perceptível que a venda dessa arte se inicia, principalmente, através desse viés oral, em que o principal objetivo estava em despertar a atenção do público, criar interesse e desejo envolvendo-o num clima de curiosidade. Nesse contexto, Márcia Abreu (1999, p. 95) afirma que “criava-se assim uma situação próxima a das apresentações orais em que autor e ouvintes encontram-se frente a frente, possibilitando ao público intervir no curso da apresentação.” Trata-se de algo que pode não se aplicar apenas ao povo dessa região, mas é uma característica cultural que os coloca como poetas populares que valorizam as cantorias, poemas declamados, bem como os desafios e os repentis. A Literatura de Cordel seria então um dos resultados dessa

oralidade.

A construção dos cordéis/folhetos brasileiros formou-se com características distintas, entre elas estão o ritmo, métrica e a rima. Dá-se esse nome, pois o cordel é originado da palavra cordão, justamente porque nas feiras onde aconteciam as vendas desse material, os folhetos eram pendurados em cordões. Até mesmo em dias atuais, é possível encontrar esse tipo de exposição, exemplificada na imagem a seguir:



Foto 1 – Exposição dos Córdeis no Festival Literário e Cultural de Feira de Santana/Bahia, maio/2019  
Fonte: Arquivo pessoal Laise Santana Miranda (Maio/2019)

Grandes nomes na história desse gênero são citados como criadores da forma física dessa narrativa, sendo um dos mais conhecidos Leandro Gomes de Barros<sup>3</sup>. Marcos Haurélio (2016, p. 170<sup>4</sup>) assegura que “não é absurdo afirmar ser este o autor o ‘pai da Literatura de Cordel brasileira’, já que explorou e deu forma a todos os gêneros e temas, preparando, assim, a estrada na qual os vates populares transitam ainda hoje.” Após a morte de Leandro Gomes de Barros, o editor João Martins de Athayde<sup>5</sup> adquiriu

<sup>3</sup> “Nascido no sítio Melancia, então município de Pombal (PB), a 19 de novembro de 1865. Leandro migrou para a região do Teixeira, ainda na Paraíba, um dos berços da poesia popular do Nordeste. Aos 15 anos, mudou-se para as cidades pernambucanas de Vitória, Jaboatão e, finalmente, Recife, onde permaneceu até sua morte, ocorrida a 4 de março de 1918. Na capital pernambucana, ao lado dos confrades Francisco das Chagas Batista e Silvino Pirauá de Lima, Leandro ajudou a escrever algumas das mais lindas páginas da história da cultura brasileira. Com ele, surgiu a figura do editor de Cordel que escrevia, publicava e distribuía a sua produção.” (HAURÉLIO, 2016, p. 180)

<sup>4</sup> A paginação dessa referência é de um e-book consultado em celular. Disponível em: <http://amz.onl/j8TBHYc>

<sup>5</sup> “Essa iniciativa foi em parte benéfica para o Cordel, porque Athayde, a partir do Recife, profissionalizou a distribuição dos folhetos, adquiriu outras obras clássicas e, indiretamente, gerou centenas de empregos, por meio dos muitos revendedores e agentes espalhados por feiras, mercados e pontos estratégicos, como estações de trem e portas de igrejas.” (HAURÉLIO, 2016, p. 184)

o direito de publicação de uma grande parte da sua obra.

Outra característica não menos importante é a arte da xilogravura que ilustra os folhetos e representa o tema que será abordado no cordel. José Francisco Borges aponta:

Literatura de Cordel é a criação popular em verso, impressa artesanalmente em papel jornal e ilustrada a partir de xilogravuras, um método de escavação em uma prancha de madeira onde é passada tinta e sobre a qual se coloca o papel impresso. [...] Texto e imagem mostram, de modo pitoresco, cômico ou trágico, casos verdadeiros ou fantásticos, moralidades que registram o pensamento do povo e que são também declamados pelos vendedores. (BORGES, 2003, p. 3)

Entretanto, apesar dessa arte ser usada há muito tempo nas capas desse gênero, ela não se originou com a Literatura de Cordel. Inicialmente, as capas eram chamadas de “capas cegas”, justamente por não existir nenhum tipo de ilustração. A arte da xilogravura nos folhetos pode ser considerada uma expressão artística recente, (HAURÉLIO, 2016, p. 1169), além disso “em favor da verdade, diga-se: a xilogravura é a ilustração mais característica dos folhetos, mas não a única”, (HAURÉLIO, 2016, p. 1209-1210).

As décadas de 1930 e 1940 são consideradas de extrema importância, pois retratam o auge da Literatura de Cordel. Os cordéis ou folhetos traziam diversos temas em sua estrutura, a exemplo estavam o cotidiano, velhos contos populares, histórias de amor, entre outros. Assim, muitas vezes, transmitiam um reflexo da vida cotidiana dos próprios autores/cordelistas. Segundo Marcos Haurélio (2016, p. 1235), o cordel não pode ser estereotipado em sua forma e em seu conteúdo, ele não pode ser considerado simples em sua essência, portanto, apesar de considerada uma fonte de lazer, também poderiam ser instrumentos de informação, conscientização, educação, bem como de socialização. Longobardi (2009, p. 51) afirma que “muitas pessoas foram alfabetizadas ouvindo e lendo cordéis. Por serem escritos em versos rimados, é de fácil memorização. O Cordel era conhecido como jornal do sertão, pois era por meio dele que a notícia chegava ao povo”.

Entretanto, afirma Marcos Haurélio (2016, p. 1061) que jornalistas e pesquisadores anunciaram em meados de 1964 a “morte do cordel”, devido aos problemas que o país enfrentava, como por exemplo, econômico, o exôdo rural, bem como a implementação do regime militar. Mas, apesar do pessimismo histórico sobre esse gênero, com o passar dos anos e através do seu desenvolvimento e das suas narrativas, a Literatura de Cordel revela-se também como uma fonte de estudo no

século XXI.

Em 19 de setembro de 2018, no Forte de Copacabana, localizado no Rio de Janeiro, o Conselho Consultivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, reconheceu por unanimidade a Literatura de Cordel como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro<sup>6</sup>. Assim, torna-se notório como esse gênero literário, assume grande representatividade de manifestação cultural e artística para o país, bem como preserva o imaginário coletivo e a memória social.

Além do público/ leitor tradicional, a Literatura de Cordel tem alcançado novos públicos no século XXI. A maneira como o cordel chega até as pessoas, não mais se resume aos folhetos, mas tem ganhado novas plataformas, através das possibilidades tecnológicas. Novos rostos e nomes desse gênero como, por exemplo, Bráulio Bessa, oferece um cordel que não dispensa ou esquece a tradicionalidade popular, mas adequa esse estilo poético à sociedade contemporânea.

## **2- Cordel: A resistência poética em novos meios de comunicação**

Segundo René Marc da Costa Silva (2008, p. 15) “A linguagem, sabemos, é a capacidade de expressar, de simbolizar e comunicar idéias, sentimentos, sensações... enfim, de dizer o mundo.” Nessa perspectiva, entende-se que a linguagem é uma característica inerente ao ser humano. Através dessa característica, sobretudo pela oralidade, tornou-se possível a construção dos saberes populares. Por outro lado, Silva também afirma que:

Cultura é um conjunto diverso, múltiplo de maneiras de produzir sentido, uma infinidade de formas de ser, de pensar, de sentir, de falar, de produzir e expressar saberes, não existindo, por conta disso, uma só cultura, ou culturas mais ricas ou evoluídas que outras tampouco, gente ou povos sem cultura. (SILVA, 2008, p. 17)

A ideia de “cultura”, geralmente, é marcada por uma visão, em que a mesma é sinônima de erudição. Ao associar cultura com uma categorização popular, pode causar-se estranheza, pois existem pré-conceitos estabelecidos sobre valores, hábitos, significados comuns a um povo. Para analisar a cultura popular é preciso distanciar-se do etnocentrismo, que supervaloriza, por exemplo, um modo de ser, de existir e,

---

<sup>6</sup> “Patrimônio cultural diz respeito aos conjuntos de conhecimentos e realizações de uma sociedade, que são acumulados ao longo de sua história e lhe conferem os traços de sua singularidade em relação às outras sociedades.” (SILVA, 2008, p.119)

naturalmente, aproximar-se da ideia de que existem diferentes culturas humanas. Nesse sentido, a cultura popular precisa ser analisada através do contexto a qual está sendo pensada. René Marc da Costa Silva, aponta:

No Brasil a ideia de cultura (pelo menos a denominada “cultura de verdade” ou a “alta cultura”) remete para um conjunto de bens materiais ou imateriais possível de ser apropriado e elaborado por uma minoria, uma elite endinheirada. Acessíveis a poucos, a perspectiva de universalizar esses bens somente os desvaloriza e apequena. (SILVA, 2008, p. 7)

Compreende-se que, muitas vezes, os conflitos entre a “alta cultura” e a cultura popular também são resultados de interesses políticos, econômicos. A não aceitação da inferiorização da cultura popular torna-se importante, a fim de entendê-la como patrimônio e colocá-la em lugar de evidência na história, como fonte de conhecimentos e saberes em processos culturais de socialização.

Nesse sentido, a Literatura de Cordel é exposta, em dias atuais, como símbolo de resistência popular. Afinal, ainda traz aos leitores/espectadores/internautas, de forma acessível, histórias com variados temas, sejam fictícios ou reais, além de diversas ilustrações:

Dobrada a esquina do século e do milênio, a Literatura de Cordel do Brasil, contrariando previsões pessimistas, continua viva. A resistência deste ramo da literatura popular tem motivado inúmeras discussões no meio acadêmico, no qual os estudos sobre Cordel são cada vez mais frequentes. (HAURÉLIO, 2016, p. 41)

Podemos também aqui pensar na perspectiva de McLuhan *apud* Luís Mauro Sá Martino (1995, p. 262) quando afirma que “a sensibilidade humana desloca-se novamente para os ouvidos, para os olhos e para a voz. A leitura perde espaço diante da imagem e o signo escrito perde espaço para os signos audiovisuais”. Nessa perspectiva, é que Bráulio Bessa acredita na importância da adaptação da poesia popular às novas tecnologias, que além de inovadoras são grandes responsáveis pela agilidade na comunicação. Nesse mesmo sentido, McLuhan *apud* Luís Mauro Sá Martino (1995, p. 263) aponta:

O meio condiciona a mensagem a ser transmitida, lhe dá uma nova forma, conteúdo e significado de corrente da utilização de um meio e não de outro. Dessa maneira, o meio de comunicação - rádio, televisão, computador - torna-se um elemento da mensagem, enquanto ela é transformada para se adequar a esse meio. (McLuhan *apud* Luís Mauro Sá Martino, 1995, p. 263)

Além de ser escritor e acreditar na importância dos folhetos, dos livros e da



leitura, Bessa procura inovar, viabilizando a transmissão de expressões artísticas mais tradicionais em outras plataformas, como a televisão, redes sociais. Assim, o cordel, que no passado era somente veiculado através dos folhetos, atualmente adquire mais visibilidade e tende a permanecer como expressão artística cultural popular presente na vida de muitos espectadores/internautas/leitores.

Bessa no seu livro *Poesia que transforma*, relata:

Ninguém esperava que um cara do interior do Ceará, com um sotaque carregado e uma mensagem simples, estivesse toda semana na televisão e fizesse os vídeos mais assistidos e compartilhados na plataforma da emissora na internet [...]. Parece até mentira que um poeta popular tenha sido o artista mais assistido das redes sociais da Rede Globo no ano. Como disse o poeta Pinto do Monteiro: “Poeta é aquele que tira de onde não tem e bota onde não cabe. (BESSA, 2018a, p.13)

O cordel continua conquistando novos espaços através de novos suportes da oralidade. É dessa forma que o cearense Bráulio assume o seu lugar de fala através desses suportes, legitimando dentro do cordel questões já presenciadas e vividas pelo mesmo, principalmente questões sobre a cultura nordestina. As novas abordagens da Literatura de Cordel possibilitam dar voz a uma minoria esquecida pelos leitores e fazedores do cânone literário. O poeta Bráulio Bessa procura reorientar igualmente essa poesia popular, tornar esse gênero ainda mais acessível a todos, possibilitando uma comunicação entre o público leitor/espectador/internauta e a literatura de resistência. De acordo com Alfredo Bosi:

Resistência é um conceito originariamente ético, e não estético. O seu sentido mais profundo apela para a força de vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia. O cognato próximo é in/sistir, o antônimo familiar é de/sistir. (BOSI, 2002, p.118)

Nesse sentido, a hierarquização da “alta cultura/cultura dominante” precisar ser questionada. É importante haver conscientização, bem como uma nova percepção sobre as expressões culturais populares e todo o processo cultural popular. É diante desse processo que a Literatura de Cordel reeiventa-se e mantém-se forte em dias atuais. Quando o cordel chega, principalmente, à televisão, pode ser pensado como o reflexo de um público que aceita essa representatividade popular.

Apesar de uma plataforma distinta dos tradicionais folhetos, o cordel transmitido pela televisão também é capaz de promover transformações reflexivas. As transformações pela afirmação da poesia popular no século XXI se dão através da evolução nas formas de transferir os saberes e na maneira de adaptação dos receptores

diante essa exposição. Ou como René Marc da Costa Silva (2008, p.29) aponta: “na verdade, como seres inteiramente dependentes de processos culturais de socialização (de transformação de um indivíduo em uma pessoa) somos e seremos a educação que criamos e criaremos, para que ela continuamente nos recrie.”

### **3- Bráulio Bessa: fazedor de poesia e embaixador do Nordeste nas redes sociais**

Nascido em um município de Alto Santo, no interior do Ceará, Bráulio Bessa demonstrou o seu real interesse em ser poeta aos 14 anos de idade, quando lhe foi solicitado um trabalho escolar. Bráulio Bessa (2018a, p. 33) relata que “a tarefa era pesquisar sobre a vida de autores brasileiros, e eu, por acaso, peguei Patativa do Assaré. Nunca tinha ouvido falar e não fazia ideia de quem era. Fiquei com uma inveja de quem pegou Carlos Drummond de Andrade...”.

Apresentado e influenciado pela escrita de Patativa do Assaré, o menino de Alto Santo descobriu a possibilidade do fazer poético e encantava-se, principalmente, porque esse poeta retratava temas como a seca nordestina, as histórias do povo cearense e, conseqüentemente, se identificava como indivíduo que vivenciava aquela realidade abordada de forma até então desconhecida.

Primeiro, a representatividade vista de forma poética, depois o sonho imaturo de querer lançar um livro e por fim o choque em querer de fato ser um poeta. Adolescente cheio de dúvidas, mas abastecido de vontade, começou a sua trajetória como um fazedor de poesia. Entre os 14 e 15 anos de idade, Bráulio já sentia a necessidade em mostrar a um público maior o que escrevia, assim reinventava e buscava oportunidades para que esse desejo fosse concretizado. Surge, dessa forma, a ideia e o projeto de transformar os poemas em peças de teatro no local em que estudava: a Escola Francisco Nonato Freire, mesmo com todas as dificuldades daquele cenário.

A gente fazia teatro de rua porque queria levar aquilo para a comunidade, e não ficar restrito ao público da escola. Alto Santo não tem teatro, então levávamos o espetáculo para praça. Como a cidade é pequena, pedimos dois tambores à direção da escola e fazíamos um cortejo, tocando pelas ruas, os rostos pintados com pasta d'água, e convidando o povo para assistir na praça. Foi aí que surgiu o Bráulio Bessa ativista, querendo mostrar a cultura popular e cobrar que o povo tivesse consciência dessa cultura, que não é valorizada nem pelo próprio nordestino. (BESSA, 2018a, p. 35-36)

Mesmo desacreditando que ainda existisse um público que buscasse a poesia, manteve uma vontade de cada vez mais fazer com que as pessoas conhecessem o Nordeste e valorizassem não só a poesia, mas a culinária, a música e outras

manifestações culturais. No ano de 2011, Bráulio Bessa tomou a iniciativa de criar uma *fanpage* intitulada por “Nação Nordestina” na rede social Facebook. Bessa (2018a, p. 51) estava ciente que, naquele período, as redes sociais chegavam a mais pessoas e os compartilhamentos dos seus posts eram importantes para atingir uma quantidade ainda maior. Em um primeiro momento, a página foi criada com o intuito de combater um cenário repleto de preconceito contra o povo nordestino nas próprias redes sociais, bem como valorizar a cultura de um povo injustiçado. A proporção desse projeto nordestino ganhou números impressionantes, assim como o retorno das pessoas que acessavam a *fanpage*.

Em 2014, época das eleições no Brasil, os ataques preconceituosos foram inúmeros nas redes sociais, comentários maldosos foram destilados contra o povo nordestino. Observando toda situação desagradável e em respeito ao povo afetado, em resposta Bráulio Bessa gravou um vídeo com oito minutos de duração declamando o cordel intitulado por “Nordeste independente<sup>7</sup>”, de Bráulio Tavares<sup>8</sup> e Ivanildo Vila

---

<sup>7</sup> “Já que existe no sul esse conceito. Que o Nordeste é ruim, seco e ingrato. Se existe a separação de fato. É preciso torná-la de direito. Quando um dia qualquer isso for feito. Todos dois vão vibrar abertamente. E o sul vai ficar indiferente. Ficar o Nordeste agradecido. Imagine o Brasil ser dividido. E o Nordeste ficar independente. / Separá-lo, porém, sem haver luta. E deixar o Nordeste com os seus vícios. Mas, sem ele pagar com sacrifícios. Grandes obras reais que não desfruta. Não precisa haver sangue na disputa. Bastaria a separação somente. Que se fosse medir o mais valente. Eu já sei quais dos dois era vencido. Imagine o Brasil ser dividido. E o Nordeste ficar independente. / Se o Nordeste tivesse outras fronteiras. Talvez fosse tratado com capricho. Sem servir de depósito para o lixo. Das usinas atômicas Brasileiras. A enchente das músicas estrangeiras. Talvez fosse para outro continente. Se vivesse uma vida diferente. Da que a gente até hoje tem vivido. Imagine o Brasil ser dividido. E o Nordeste ficar independente/ Talvez que muita gente até proteste. Minha ideia, chamando de imbecil. Um país com o nome de Brasil. E o outro chamado de Nordeste. O Brasil não padeceria a peste. Da seca que vem constantemente. O Nordeste sem esse seu parente. Ia ser melhor compreendido. Imagine o Brasil ser dividido. E o Nordeste ficar independente. / Paraíba era o centro artesanal. Piauí o setor da criação. Em Sergipe cultural é tradição. Maranhão a reserva florestal. Na Bahia o distrito industrial. Alagoas agrícola e florescente. Rio Grande o poder militarmente. Ceará pra turismo era escolhido. Imagine o Brasil ser dividido. E o Nordeste ficar independente. / A partilha ainda sendo homologada. E o Nordeste guiando os seus destinos. Mais de cinco milhões de Nordestinos. Voltarão para a terra idolatrada. Trocarão a garoa e a geadá. Pela roça a inchada e sol quente. Ninguém vai explorar mais nossa gente. Como tem até hoje acontecido. Imagine o Brasil ser dividido. E o Nordeste ficar independente. / O Brasil ia ter de exportado. Um nordeste, cacau, coco e caju. Carnaúba, minério, babaçu. Abacaxi e o sal de cozinhar. A lagosta, o agave do lugar. A cebola o petróleo, a aguardente. O Nordeste é autossuficiente. O seu lucro seria garantido. Imagine o Brasil ser dividido. E o Nordeste ficar independente. / As rádios iam ser nordestizadas. Tocariam forró, xote e baião. As TV's só fariam transmissão. De cantorias ciranda e vaquejadas. As crianças seriam batizadas. Só nomes bem simples como agente. Não se usava mais nome diferente. Que não pode botar nem apelido. Imagine o Brasil ser dividido. E o Nordeste ficar independente. / Dividindo a partir de salvador. O Nordeste seria outro país. Vigoroso normal, rico e feliz. Sem dever a ninguém do exterior. Jangadeiro seria um senador. O caboclo da roça era o suplente. Cantador de viola, o presidente. O vaqueiro era o líder do partido. Imagine o Brasil ser dividido. E o Nordeste ficar independente. / Em Recife, o distrito federal. O idioma ia ser Nordestinense. A bandeira de renda cearense Asa Branca era o hino nacional. O folheto o símbolo oficial. A moeda, o tostão de antigamente. Conselheiro, seria inconfidente. Lampião, o herói inesquecível. Imagine o Brasil ser dividido. E o Nordeste ficar independente”.

<sup>8</sup> Nascido em 1950 em Campina Grande – PB. Compositor. Poeta. Letrista. Escritor.

Nova<sup>9</sup> e publicou em sua rede social pessoal. O seu desabafo viralizou e mais uma vez a situação de números inimagináveis se repetia. Bráulio Bessa (2018a, p.53) conta que “na semana seguinte o pessoal estava perguntando quando é que ia sair outra poesia. E surgia ali um tal ‘embaixador do Nordeste nas redes sociais.’ Começaram a me chamar de ‘cangaceiro digital’ e ‘Luiz Gonzaga da internet’. E eu gostei disso.” Observa-se aqui que o cordel começa a ganhar novas proporções. Os folhetos, que antes eram o único meio da Literatura de Cordel chegar até as pessoas, dão espaço para as novas plataformas de inserção.

Nesse mesmo ano, 2014, Bráulio encontrou a oportunidade para o cordel expandir ainda mais e, dessa vez, em uma nova plataforma. A produção do programa “Encontro com Fátima Bernardes” lhe propôs uma participação de dois minutos, realizada pela internet, falando sobre a questão do preconceito com o nordestino. Dessa vez, a voz de Bessa seria veiculada em um novo espaço repleto de audiência: a televisão. As aparições na maior emissora de televisão brasileira, a Rede Globo, começaram a tornar-se frequentes, principalmente porque a aceitação do público sobre o gênero foi grande. Mas também, porque esse gênero possibilitava falar de forma sensível, criativa, reflexiva e crítica sobre os mais variados assuntos abordados no programa. Em uma dessas aparições, Bráulio Bessa relata:

Declamei o meu poema sobre mãe e, quando terminou o programa, me chamaram e disseram: “Que coisa bonita, o que é isso?” Isso é poesia. “Mas que tipo de poesia?” Poesia popular nordestina, cordel. “Você escreve sobre tudo?” Escrevo. Meu sonho é transformar a vida das pessoas através da poesia. Para isso, tenho que escrever sobre tudo. (BESSA, 2018a, p. 12 - 13)

A forma de perceber e sentir esse gênero através do poeta Bráulio Bessa e de uma nova plataforma, a televisão, ganhava cada vez mais repercussão. Em 2015, o exercício do Cordel ganhou ainda mais espaço. Foi criado um quadro no programa, intitulado “Poesia com rapadura”. Oficialmente, teve o seu início dia 8 de outubro de 2015, dia do Nordeste, com o poema declamado “Orgulho de ser nordestino”, e passou a ser transmitido semanalmente.

O ativista da cultura nordestina levou o cordel para pessoas e lugares diferentes. Do Nordeste para todo o Brasil, dos folhetos para a internet e a televisão. Bráulio tornou os seus vídeos de cordel os mais assistidos e compartilhados na plataforma da emissora

---

<sup>9</sup> Nascido em 1946 em Caruaru – PE. Repentista. Cantador. Violeiro. Compositor.

na internet. Em 2017 foram mais de 140 milhões de visualizações.

Sinto que é muito importante ter na maior emissora de TV do país um poeta que escreve literatura de cordel. Para uma parte do público, é muito representativo ver um cara do interior, que nunca foi de televisão, que não é ator nem cantor, sentado ali naquele sofá, ao lado de Tony Ramos, de Antônio Fagundes, e que não nega a sua identidade – ao contrário, reforça. Existe um poder real de influenciar, em especial as crianças e os jovens, que veem um poeta sendo aplaudido na televisão, fazendo poesia. Isso gera um impacto grande, estimula muita gente a escrever. (BESSA, 2018a, p. 14)

A internet e, principalmente, a televisão, proporcionaram o encontro e o reconhecimento do cordel pelas pessoas, através de uma outra forma de transmitir esse gênero, que impactou os internautas e/ou espectadores. A exemplo, estão alguns depoimentos extraídos da própria página do Bráulio Bessa do Facebook, expostos no livro “*Poesia que transforma*”:

O poema “Se”, quando eu li, me tocou muito por conta dos problemas que estava tendo com o homem que hoje é meu ex-namorado. Refleti muito depois que eu li várias vezes, e vi que não poderia deixar o “se” me dominar!” (Patrícia - Samambaia, DF. BESSA, 2018a, p.180)

“Recomece” chegou em um momento muito difícil na vida da minha família, e foi um acalanto para o meu coração. Fomos enganados pela justiça burocrática deste país em um processo de adoção. Ainda estamos nos recuperando do drama que vivemos. (Andréa – Nova Petrópolis, RS. BESSA, 2018a, p. 181)

Todos os seus poemas fazem bem à alma. Sou nordestina com muito orgulho, e me sinto em casa cada vez que ouço suas declamações. Sou grata a você pela bandeira que carrega exaltando nosso Nordeste rico de um povo batalhador que não se intimida à toa. Deus te abençoe!” (Marilma – Suzano, SP. BESSA, 2018a, p.182)

Os números da aventura poética de Bráulio Bessa são impressionantes. Ele chega em 2019 com 4 livros publicados, intitulados *Poesia com Rapadura* pela editora Cene, *Poesia que transforma*, *Recomece* e *Um carinho na alma* pela editora Sextante. Com 1.265.787 milhões de seguidores na sua *fanpage* “Nação Nordestina” (até o dia 22 de outubro de 2019, às 17:20 horas), com 2.900.000 milhões de seguidores no Instagram “@brauliobessa” (até o dia 22 de outubro de 2019, às 17:21 horas), com 397.000 inscritos no seu canal o YouTube “Bráulio Bessa” (até o dia 22 de outubro de 2019, às 17:22 horas), segue com seu quadro “Poesia com Rapadura” na Rede Globo de Televisão às sextas-feiras, bem como os vídeos da semana disponibilizados na plataforma Gshow na internet.

#### **4- A resistência nos poemas de Bráulio Bessa**

O Livro “*Poesia com rapadura*” foi o primeiro livro escrito por Bessa, publicado no ano de 2017 pela editora Cene. Esse livro trata-se de um compilado de poemas, em que muitos já foram declamados pelo poeta na televisão, no seu próprio quadro “Poesia com rapadura” no programa “Encontro com Fátima Bernardes”. O livro é estruturado em 4 divisões temáticas distintas, intituladas por: “Do amor e da paixão”, “Do ser”, “Do Nordeste”, “Do sentir” e “Da fé”, respectivamente. Na construção ilustrativa do livro é perceptível como a arte da xilogravura torna-se presente, justamente, para reforçar e aproximar o leitor da “atmosfera” da Literatura de Cordel.

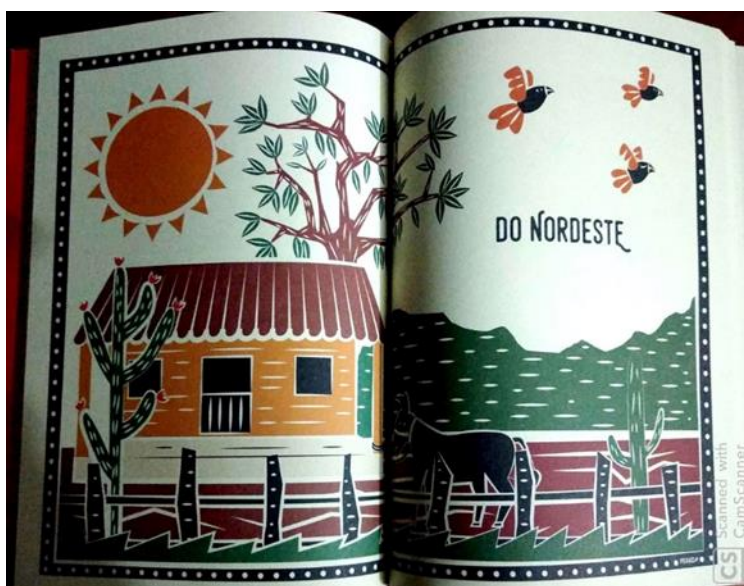


Foto 2 – Ilustração interna do Livro Poesia com Rapadura – 2017 – Bráulio Bessa  
Fonte: Arquivo pessoal Laise Santana Miranda (Agosto/2019)

Em sua escrita, especificamente, Bessa traz uma forte inspiração do cordel. Apresentar ao público o(s) seu(s) livro(s) e não os folhetos, não descaracteriza esse gênero, apesar de também já ter escritos alguns folhetos, visto que o modelo da sua escrita obedece a estética do cordel<sup>10</sup>.

A parte “Do Nordeste”, composta por oito poemas, demonstra e valoriza aspectos do povo e da cultura nordestina. Entre eles, o “Ser Nordestino”, que apresenta um diálogo de resistência sobre o povo nordestino. Declamado por Bessa, no dia 26 de fevereiro de 2016, encontra-se também disponível na plataforma da internet “Gshow”. Durante a sua performance, que durou aproximadamente dois minutos, é perceptível como Bessa declama de forma simples, com o seu sotaque cearense utiliza apenas um

<sup>10</sup> “O cordel é geralmente escrito em sextilhas (estrofes com seis versos), ou septilhas (estrofes com sete versos), com sete sílabas poéticas. Escreve-se também em décimas e em oitavas, embora com menos frequência”. (ACOPIARA, 2008, p.21)

microfone e o seu cenário é composto por uma tela de fundo ilustrada por xilogravuras. O seu visual chama atenção, por sempre usar o mesmo estilo de chapéu. As suas expressões, gesticulações durante as declamações dão ainda mais identidade. Detalhes que caracterizam os temas abordados e nessa esfera o engradece como poeta popular.

Eu nunca tinha ido a um programa de tv, mas foi tudo muito natural. [...] Nesse dia eu fui para o sofá e troquei o chapéu de couro por um chapeuzinho do meu irmão, que acabou virando a minha marca registrada. [...] Um dia Maurício Arruda, na época o diretor do programa, me disse: ‘Da próxima vez você vai declamar em pé’. Perguntei se podia ser com pedestal, pois eu gosto de gesticular, e ele topou. Pedi que colocassem umas xilogravuras no telão, para dar essa ligação com o cordel, e ele topou também. (BESSA, 2018a, p. 12-13)



Foto 3 – Declamação do poema “Ser Nordestino”– Bráulio Bessa - Plataforma Gshow - Fevereiro/2016  
Fonte: Arquivo pessoal Laise Santana Miranda (Agosto/2019)

O “Ser Nordestino” trata-se de um poema escrito por um nordestino, com propriedade em sua fala e em expressões que caracterizam a relação cotidiana dos conterrâneos:

#### Ser Nordestino

Sou o gibão do vaqueiro,  
sou cuscuz, sou rapadura,  
sou vida difícil e dura,  
sou Nordeste brasileiro.  
Sou cantador violeiro,  
sou alegria ao chover,  
sou doutor sem saber ler,  
sou rico sem ser granfino.  
Quanto mais sou nordestino,  
mais tenho orgulho de ser. (BESSA, 2017, p. 94)

Ao falar da região Nordeste é comum lembrar do nordestino como indivíduo

pobre e sem expectativa de realizações pessoais e profissionais, bem como uma região que remete ao sofrimento e é marcada pela seca. É justamente nessas imagens pré-concebidas que Bessa busca reforçar o sentimento de gratidão, felicidade, fortaleza e orgulho do povo nordestino, em versos como “Quanto mais sou nordestino, mais tenho orgulho de ser.”

Sou a enxada no chão,  
sou a jangada no mar,  
sou leite com mungunzá  
cozido num caldeirão.  
Sou as penas do canção,  
sou o sol no entardecer,

a lua no anoitecer,  
sou um sereninho fino.  
Quanto mais sou nordestino,  
mais tenho orgulho de ser.

Sou o voo da asa-branca,  
sou cliente de bodega,  
sou madeira que enverga,  
mas não quebra e se levanta.  
Sou lavadera que canta,  
sou xodó, sou bem-querer,  
sou eu mesmo, sou você,  
sou um povo genuíno.  
Quanto mais sou nordestino,  
mais tenho orgulho de ser. (BESSA, 2017, p. 94-95)

O seu cordel vai contra a visão do Nordeste marginalizado. A sua proposta também como ativista da cultura popular é mostrar a simplicidade de um povo e região que não os apequena, mas os torna exuberantes, como por exemplo, nos detalhes do trabalho, da culinária, do clima, “Sou a enxada no chão”, “sou leite com mungunzá cozido num caldeirão”, “a lua no anoitecer, sou um sereninho fino”, para no fim reafirmar o ser nordestino:

Sou espiga no braseiro,  
sou tirma de lamparina,  
o raio da silibrina,  
sou bacurim no chiqueiro,  
muher varrendo o terreiro,  
sou retirante a sofrer  
na esperança de crescer,  
mas no Sul sou clandestino.  
Quanto mais sou nordestino,  
mais tenho orgulho de ser.

Da minha cabeça chata,



do meu sotaque arrastado,  
do nosso solo rachado,  
dessa gente maltratada  
quase sempre injustiçada,  
acostumada a sofrer,  
mesmo nesse padecer  
sou feliz desde menino.  
Quanto mais sou nordestino,  
mais tenho orgulho de ser.

Terra de cultura viva:  
Chico Anysio, Gonzagão,  
de Renato Aragão,  
Ariano e Patativa,  
gente boa, criativa  
isso só me dá prazer!  
Pois tenho orgulho em dizer:  
muito obrigado ao destino!  
Quanto mais sou nordestino,  
mais tenho orgulho de ser. (BESSA, 2017, p. 95-96)

Bessa trata o Nordeste como um espaço de múltiplas tradições, enaltecendo as suas riquezas, entre elas, a cultural, a histórica. Traz o Nordeste como uma região criativa, que tem espaço para música, literatura: “Terra de cultura viva:”, “Chico Anysio, Gonzagão”, “de Renato Aragão”, “Ariano e Patativa”, “gente boa, criativa”, “isso só me dá prazer!”. Esses versos são afirmações positivas de um povo, que pode alterar o preconceito de indivíduos de outras regiões que considerarem o povo nordestino como seres “inferiores”, conseqüentemente, discriminando-os e marginalizando-os.

O cordel “Ser Nordestino” exemplifica a pluralidade artística desse povo que merece ser apreciada tanto quanto as manifestações artísticas de outras localidades. Bessa procura não sustentar a imagem do Nordeste como uma região miserável, que, muitas vezes, é transmitida pela mídia. Assim, busca reorientar os olhares para as riquezas e raízes dessa região.

Regina Dalcastagnè afirma que:

Aqueles que estão objetivamente excluídos do universo do fazer literário, pelo domínio precário de determinadas formas de expressão, acreditam que seriam também incapazes de produzir literatura. No entanto, eles são incapazes de produzir literatura exatamente porque não a produzem: isto é, porque a definição de literatura exclui suas formas de expressão. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 3)

É nesse sentido que Bessa, principalmente, embasado por suas experiências como nordestino reconhece o seu lugar de fala e apropria-se de temas, circunstâncias que quando escrito e/ou declamados podem causar a representatividade. A inclusão desse gênero popular no cotidiano dos espectadores/internautas seria um dos começos do

afastamento das desigualdades frente ao estudo dos gêneros literários. Reconhecer a legitimidade do seu discurso frente o(s) assunto(s) abordado(s) é compreender que deve haver questionamentos sobre o monopólio da voz e engatar um movimento de respeito à peculiaridade do outro.

Segundo Williams (1968, p.246) “os estudos culturais abriram espaços para grupos marginalizados ganharem legitimidade acadêmica suficiente para se firmar como pontos importantes na sociedade.” É nessa perspectiva que o poeta Bráulio Bessa busca, justamente, continuar valorizando em forma de cordel aspectos da cultura popular nordestina, como características que de fato não apequena esse povo, mas os ressignifica.

Notando a hipótese de que a poesia popular está contínua adaptação às novas formas de transmissões, nesse sentido, a Literatura de Cordel vem conquistando novos espaços. A afirmação desses espaços na televisão e nas redes sociais legitima o conhecimento poético popular a toda uma sociedade. De acordo com Martino:

As comunidades virtuais podem ser definidas por grupos de pessoas que se reúnem para trocar informações sobre um determinado tema. Os grupos de discussão, páginas de fãs, as páginas de discussão sobre vídeos postados, os *webrings* e *sites* de relacionamento são exemplos de comunidades virtuais. Nelas é criado um ambiente virtual comum voltado ao desenvolvimento de ideias e atitudes e interesse coletivo a partir das relações de comunicação. Nas comunidades virtuais as relações sociais se constroem unicamente através da comunicação. (MARTINO, 2010, p. 266 - 267)

As novas tecnologias/plataformas aliadas à disseminação da Literatura de Cordel possibilita que haja grande agilidade e uma diminuição de afastamento do público frente à poesia popular. É importante perceber que esse gênero continua com as suas características. Nesse sentido, a inovação se dá nos suportes de transmissão, pois em dias atuais não mais se resumem aos folhetos.

### **Considerações Finais**

A Literatura de Cordel proporciona ao poeta escrever sobre os mais diversos assuntos e proporciona aos receptores uma diversidade de temas dentro de um mesmo gênero. Nesse sentido, o poeta popular procura aproximar a poesia das pessoas, podendo fazer com que uma difícil realidade seja ressignificada, além de dar aos leitores a possibilidade de uma reflexão mais amena, mas não menos aprofundada.

O presente artigo procurou demonstrar como a cultura popular aqui abordada através do cordel, se reinventa a partir do momento que acompanha os outros meios de

transmissão, como a televisão e as redes sociais. Com isso, viabiliza que essa expressão artística alcance de forma mais rápida o receptor, que pode não ser considerado apenas um leitor de cordel, mas um “internauta do cordel” e/ou “telespectador do cordel”, bem como, alcançando as mais diversas classes sociais e promovendo reflexões sobre política, economia, cotidiano, entre outros diversos temas.

Esse estudo buscou pensar na Literatura de Cordel como um símbolo de resistência frente aos novos suportes de comunicação, e conseqüentemente compreendendo a sua importância dentro da cultura popular. O poeta Bráulio Bessa, dentro dessa abordagem, tornou-se referência em levar esse gênero através das novas plataformas, sem nunca esquecer suas raízes:

Eu nasci no interior,  
nunca neguei a ninguém.  
A terra que a gente vem  
merece todo o amor.  
Lá sorri e senti dor,  
lá eu fui feliz demais!  
Sempre que eu olho para trás,  
quero voltar sem ter freio.  
Quem esquece de onde veio  
não sabe para onde vai. (BESSA, 2017, p.64)

## Referências

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999.

ACOPIARA, Moreira de. **Cordel em Arte e Versos**. 1 ed. São Paulo: Duna Duetto: Acatu, 2008.

BESSA, Bráulio. **Poesia com Rapadura**. Fortaleza: Cene, 2017.

BESSA, Bráulio. **Poesia que transforma**. Rio de Janeiro: Sextante, 2018a.

BESSA, Bráulio. **Recomece**. Rio de Janeiro: Sextante, 2018b.

BORGES, J. Francisco. **Dicionário dos sonhos e outras histórias de cordel**. Porto Alegre: L&PM, 2003.

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DALCASTAGNÉ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro: Horizonte/UERJ, 2012.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Fonte Digital base, 2003. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/socespetaculo.pdf>> Acesso em: 12.09.2019

DICIONÁRIO Cravo Albin da Música Popular Brasileira. **Bráulio Tavares**. Disponível

em: <<http://dicionariompb.com.br/braulio-tavares/biografia>> Acesso em: 09 set. 2019

\_\_\_\_\_. Ivanildo Vilanova. Disponível em: <<http://dicionariompb.com.br/ivanildo-vilanova/dados-artisticos>> Acesso em: 09 set. 2019

HAURÉLIO, Marco. **Breve história da Literatura de Cordel**. 2 ed. São Paulo: Claridade, 2016. *E-book*. Disponível em: <http://amz.onl/j8TBHYc>

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4833/literatura-de-cordel-e-reconhecida-como-patrimonio-cultural-do-brasil>> Acesso em: 09 set. 2019

ENCONTRO com Fátima Bernardes - Poesia com Rapadura: Veja os cordeis de Bráulio Bessa. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4842454/>> Acesso em: 03 ago 2019

LONGOBARDI, Nireuda. **Mitos e lendas do Brasil, em cordel**. São Paulo: Paulus, 2009.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria da Comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2010.

McLUHAN L, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1995.

SILVA, René Marc da Costa. **Cultura Popular e Educação - Salto para o futuro**. Brasília, 2008.

WILLIAMS, R. **Cultura e sociedade**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1968.